

LIGAÇÕES EUROPEIAS DO NEORREALISMO

Por ocasião das Jornadas Europeias do Património, o Museu do Neo-Realismo retirou do seu magnífico espólio um conjunto de documentos que testemunham inequívocas e diversificadas ligações europeias.

Para o Museu do Neo-Realismo não se trata, unicamente, de assinalar uma data significativa ou de dar o seu contributo para um programa nacional de reconhecida importância. Mas de introduzir, na conceção estabilizada de neorrealismo, uma nota dissonante: o neorrealismo é uma resposta portuguesa a uma problemática europeia e mundial e desenvolve-se em comunicação (precária mas comunicação) e em sintonia (difícil mas sintonia) com diferentes aspetos dessa problemática.

O conjunto de documentos agora reunidos fortalece a hipótese de efetivas ligações europeias do neorrealismo, que devem ser estudadas fora do quadro simplista da “influência”. Os jovens que aceitaram relacionar-se sob a referência “neorrealista”, nas conhecidas condições adversas, constituíram uma discreta mas eficaz rede de contactos de que alguns jornais e revistas são a face mais visível (*Monde, Europe, La Pensée*, por exemplo) mas que envolve outros aspetos: contactos epistolares entre Henri Lefèbvre e Jofre Amaral Nogueira a propósito da publicação de um texto do filósofo francês nas páginas de *Sol Nascente*; a demonstração de afinidades políticas e culturais entre Alves Redol e Louis Aragon e a redação da revista *Vértice* e o mundo cultural francês; a profunda repercussão da Guerra Civil de Espanha na poesia portuguesa que Joaquim Namorado antologizou, inseparável das leituras de Rafael Alberti ou Miguel Hernandez; um vasto e sistemático trabalho de tradução, ainda mal conhecido, de grandes ficcionistas europeus e americanos.

Para o neorrealismo, Europa foi o nome para diferentes realidades: para a crise do capitalismo pressupostamente definitiva, na viragem dos anos vinte para os anos trinta; para uma dilaceração íntima, de que a Guerra Civil de Espanha é um sinal e a maior ferida; para o combate antifascista e a esperança de libertação, nos anos quarenta.

E no poema de Afonso Duarte, o “Quero ser europeu num canto qualquer de Portugal” é um grito claro, um murmúrio íntimo antes de tornar-se, para nós, uma comovente peça bibliográfica que mantém uma enigmática cintilação, na extrema fragilidade de uma modestíssima folha sulcada por uma letra incerta no limite da legibilidade.

